

Copywriting do documentário "A Travessia"

Script: Yanjun Zhang

Narração: Linjie Xiao

Sinopse: Jornalista e fotógrafo chinês Yanjun Zhang enfrenta mil e um obstáculos e armadilhas de pessoas má intencionadas durante a sua jornada fotográfica à Amazônia. Diante de inúmeras mudanças de planos e séries de contratempos, transitou o foco para o crescimento e educação dos filhos. O documentário revela o brilhantismo humano diante da "mistura étnica" através da transformação do Sonho à Amazônia para uma família brasileira experienciada pelo fotógrafo Yanjun Zhang.

Ideia principal: Yanjun Zhang foi o primeiro fotógrafo chinês a falar sobre a integração brasileira dos migrantes. No Brasil, as conquistas por um "descobridor" tornava-se uma temática de expressões artísticas cada vez mais recorrente. No seu documentário de 400 minutos "A Travessia", Yanjun Zhang mais uma vez narrou, cheio de paixão, essa história pouco conhecida. Os personagens centrais da história são Yanjun Zhang e sua esposa Linjie Xiao. Em 2000, a autorização do Ministério da Cultura da China para introduzir expressões artísticas latinas-americanas e de samba para o cenário chinês. Nessa época, o Brasil já abrigava cerca de 250 mil chineses continentais, vindos de formas clandestinas e sem identidade, trabalhando, aqui, com negócios de contrabando e vendas de pequeno porte. A ideia que o Brasil tinha acerca da China ainda se resumia na Rota da Seda como descrita por Marco Polo. Assim que pousaram em São Paulo, o casal imediatamente comprou os direitos de apresentação de uma conhecida escola de samba para aquele ano, planejando assim o "Carnaval com tematização chinesa". Eles deram início a uma série de eventos que estabeleceram a "frente cultural oriental". Primeiramente, fundaram em São Paulo a Revista Recurso, estabelecendo em conjunto à Administração Geral da Imprensa e Publicações da República Popular da China um canal binacional de negociações para direitos autorais literários. Laboriosamente, administravam a fortaleza transcultural. Mesmo quando os feitos de Yanjun Zhang acabaram ganhando a confiança dos brasileiros, não colocou a mente para estudar a comercialização de bens culturais, nem como aumentar a sua capacidade de sobrevivência baseada nas experiências obtidas. Assim, mesmo depois de dez anos - em 2010 -, Yanjun Zhang e sua esposa ainda não conseguiram se firmar, retornando, assim, à China.

Entrevistas:

Antonio Cleidenir Tônico Ramos: Trata-se de uma expedição grandiosa. São muitas descobertas importantes, nunca antes vistas.

João Luis Costa Cardoso: Essa jornada documental inimaginável os colocaram em proximidade com os descendentes dos "garimpeiros" que viviam em reclusão e isolamento em meio às profundezas da selva amazônica, e estabeleceram uma amizade de importância vital entre si.

Adauto Recchetto: Na história das expedições à Amazônia, essa é uma exceção. Eles não têm um contexto governamental ou apoio do Exército.

Horacio Nelson Bastos Peroba: Parabenizo essa família vinda da China, que já faz parte do Brasil.

Odilon Rebelo JR: Esse evento mudou a visão que temos da China, e influenciou a política alfandegária que temos com a China.

Rongmao Sun: Marido e mulher que abandonaram empregos, viajaram mil e uma milhas, tempo

incalculável, largaram tudo que tinham. Tudo isso para vir ao Brasil fotografar e filmar. Em um ambiente estranho, sem saber falar, enfrentando todo tipo de dificuldade e perigo. Tudo isso por um sonho.

Olívio Guedes de Almeida Filho: Essas imagens são muito preciosas. O valor delas é imensurável.

Eduardo Félix Justniano: O trabalho do Sr. Zhang é uma comparação cultural, contendo nas imagens muitas descobertas importantes, com o valor delas ultrapassando a mera imagem que são.

Flavio Bacellar: Sr. Zhang filmou o Brasil com o seu ponto de vista, e também me convidou para filmar na China.

Luiz Gonzaga Souza: Não entendo por que Zhang, ao invés de orar pela proteção, está preocupado se será visto como um "herói" [pelo governo chinês]. Lembrando que esse é um mundo desconhecido. A única coisa que pode-se confiar é a sorte.

Introdução

Em 1999, o Ministério da Cultura da China decidiu introduzir apresentações de samba. Para isso, designou-me para realizar estudos de campo no Brasil. Aproveitando a oportunidade, Yanjun Zhang planejou, então, a sua filmagem da Amazônia. Assim, viemos ao Brasil juntos.

I. Chegando com pé esquerdo

Pisando em solo brasileiro, não falávamos português. O tradutor era um imigrante chinês que o consulado chinês recomendou. Por precaução, Yanjun Zhang contratou mais tarde, por diversas vias, adicionais quatro tradutores. Ao longo das visitas e apresentações das escolas de samba na China, Yanjun Zhang travou a mira no Carnaval, decidindo documentar aquilo em filmagem. O Carnaval no Brasil ocorre de forma anual, tendo as filmagens monopolizadas pela Rede Globo. Para conseguir uma espécie de passe de filmagem, fundamos em São Paulo a Revista Recurso, compramos os direitos de apresentação de uma escola de samba, contactando grupos da China especializados em dança do leão, Yangge, pipas, entre outros. Com isso, organizamos o enredo "Quem Tem Olho Grande Já Entra na China", baseado na cultura imperial chinesa. Seguindo o cronograma da organização do Carnaval, todas as escolas apresentaram seus desfiles em ordem. Descobrimos, então, que todos os artistas chineses que contactamos foram substituídos por imigrantes chineses locais. O diretor da escola de samba Sidnei Carriuolo Antonio ironizou: "você tem cinco tradutores. Deveria perguntar a eles."

II. Mudança de planos

Durante o contato com a escola de samba, entendemos que o Carnaval é uma "Festa" brasileira. Além disso, existem diversas "Festas" que ocorrem de diversas formas. Estas Festas servem como um instrumento de harmonização para a sociedade brasileira, servindo um papel importante no cotidiano brasileiro. Inconformado com os prejuízos sofridos no Carnaval, Yanjun Zhang formulou outro projeto, com intuito de descrever elementos culturais simbólicos brasileiros como Samba, Futebol, Café e Churrasco através da "感性影像", produzindo a série documental Charme da Cultura, sendo distribuída na China. Dessa vez, Yanjun Zhang não contratou tradutores. Ao invés, utilizou a máquina de tradução desenvolvida na China, comunicando-se através de texto escrito. Ele pediu a encomendação de um jeep customizado com a Chrysler US, comprando no Brasil veículos todo-o-terreno Chevrolet e utilitário Ford, além de equipamentos de aventura. Yanjun abertamente recrutou uma comitiva de três brasileiros, todos fotógrafos. Foram instalados múltiplas câmeras por veículo, gravando de forma panorâmica e ininterrupta, registrando a filmagem final em um central de registros através de conexões via rádio. A equipe foi, então, formada. Três veículos, sendo o último da coluna o jeep todo-o-terreno de Yanjun Zhang. Partindo de São Paulo, passando por Santos e Peruíbe, o trajeto continua rumo ao sul,

seguindo o litoral Atlântico.

III. Colheita inesperada

Paramos em Cananéia. Trata-se de uma pequena cidade, antigamente indígena e cercada pela linda praia intocada do Oceano Atlântico. A música dos fandangueros atraiu atenção de Yanjun Zhang. Rapidamente que sua mente estava a delírio. Sua capacidade profissional e a atitude sincera logo conquistou a confiança da população local. Eles contaram ao Yanjun Zhang sobre os garimpeiros que chegaram à Cananéia no século XV e também forneceram um mapa desenhado a mão. Segurando esse mapa com a rota dos garimpeiros, ele exclamou com animação: “Era isso que eu estava procurando...”

IV. Uma família de três

Deixando a Cananéia, o caminho seguiu-se pela estrada meandrosa. Decidimos explorar a porção ocidental brasileiro, em busca dos Pantaneiros descendentes dos garimpeiros. Adentrando em uma região de bacia de água doce, um acidente de carro encalhou-no em Blumenau. O automóvel danificado foi enviado para conserto na melhor oficina da cidade. Os mecânicos nunca viram algo similar, estudando ao mesmo tempo que trabalhavam, por aproximadamente um ano. Nesse meio tempo, nasceu o nosso filho Link, colocando uma pausa na jornada. Blumenau é uma cidade localizada no meio de um vale, cujos habitantes possuem forte descendência alemã. O símbolo da cidade é o evento anual do Oktoberfest, sendo o segundo maior evento no Brasil, logo atrás do Carnaval. Tal feito é, de certa forma, "atribuído" às enchentes periódicas e às características culturais herdadas dos alemães. Monumentos históricos e construções de valor cultural são frequentemente restaurados. O primeiro Oktoberfest ocorreu em 1984, com intuito de construir uma história blumenauense que as águas das enchentes não são capazes de levar. O tema recorrente de todo ano é o estabelecimento da família e vida. Depois de voltar da filmagem do Oktoberfest e muita cerveja, Yanjun monologa: "Por que acho que somos um pouco parecidos com Hermann Bruno Otto Blumenau?"

五、进入沼泽

重整旗鼓，再次上路了。一路向西，我们到达了米兰达。米兰达是当年淘金客的最后驿站，继续前行将进入潘塔纳尔湿地。很多人从这里进入，没有人再返回。在这里，我们意外遇到了一名斑达奈娄，名叫诺尔松，他还是一名经验丰富的保亚德鲁（潘塔内尔牧牛人），张彦君为他拍摄一组照片，还做了一个访谈。诺尔松邀请张彦君随他迁移牛群。张彦君用田野日记、主观印象、记录仪、GPS、数字磁带摄影机、胶片照相机和巴西农业研究所的地图记录他们，（Para registros dos mesmos foram utilizados diários de campo, impressões subjetivas, gravador, GPS, digitais Filmadoras, máquina fotográfica e mapa das fazendas do Pantanal- EMBRAPA）试图解密这些依赖自然节奏的人是如何生活的。（Meu interesse foi buscar compreender como viviam populações estreitamente dependentes dos ritmos da natureza）经过这次旅行，张彦君决定穿越斑达瑙，巴西随员不了解当地情况，但很容易通过当地人获得建议。他们没有把从当地人获得的有用信息告诉张彦君，而是极力劝阻。建议张彦君租用飞机航拍。这个提议符合张彦君的套路，只要条件允许，他每次的行动前都会先航拍。雇佣的飞机从玻利维亚临时调来，价格高出几倍。三个随员都是第一次乘坐这种单引擎飞机，空中反应很厉害。宿地是随员通过当地人安排的，有两个房屋，一个房屋门口一条毒蛇。当地向导亚历山大说：两条蛇是一公一母，在我们这里预示着好运气。张彦君一听就来劲儿了，说：继续。

V. Adentrando no Pantanal

Reagrupados, de volta à estrada novamente. Indo em direção ao oeste, chegamos em Miranda. A cidade foi a última parada dos garimpeiros. Continuando o caminho, chegaria no Pantanal. Muitos já entraram por aqui; poucos voltaram. A comitiva brasileiro não conhecia o local, mas foi fácil conseguir informação com os habitantes locais. Eles não contaram ao Yanjun Zhang o que aprenderam dos moradores locais, e recomendaram que ele alugasse um avião para fazer filmagem aérea. A proposta estava em acordo com o raciocínio de Yanjun Zhang de, desde que as condições permitam, a filmagem aérea antes de qualquer grande movimentação ser costumeira. O avião contratado foi transferido temporariamente da Bolívia, sendo exponencialmente mais cara. As três comitivas nunca voaram nesse tipo de aeronave monomotor e tiveram reações fortes durante o voo. O alojamento foi organizado pela comitiva através dos habitantes locais, contendo duas residências. Na porta de uma delas havia uma cobra venenosa. O guia local Alexandre disse: “Duas cobras, um macho e uma fêmea. Sinal de boa sorte aqui”. Yanjun Zhang ficou animado quando ouviu e disse: “continuamos”.

V. Adentrando no Pantanal

Reagrupados, de volta à estrada novamente. Indo em direção ao oeste, chegamos em Miranda. A cidade foi a última parada dos garimpeiros. Continuando o caminho, chegaria no Pantanal. Muitos já entraram por aqui; poucos voltaram. A comitiva brasileiro não conhecia o local, mas foi fácil conseguir informação com os habitantes locais. Eles não contaram ao Yanjun Zhang o que aprenderam dos moradores locais, e recomendaram que ele alugasse um avião para fazer filmagem aérea. A proposta estava em acordo com o raciocínio de Yanjun Zhang de, desde que as condições permitam, a filmagem aérea antes de qualquer grande movimentação ser costumeira. O avião contratado foi transferido temporariamente da Bolívia, sendo exponencialmente mais cara. As três comitivas nunca voaram nesse tipo de aeronave monomotor e tiveram reações fortes durante o voo. O alojamento foi organizado pela comitiva através dos habitantes locais, contendo duas residências. Na porta de uma delas havia uma cobra venenosa. O guia local Alexandre disse: “Duas cobras, um macho e uma fêmea. Sinal de boa sorte aqui”. Yanjun Zhang ficou animado quando ouviu e disse: “continuamos”.

VI. Aventura na selva

Percebemos que somos o estrangeiro quando entramos em contato com uma natureza intocada pela primeira vez. Aqui, os animais são os donos. A floresta Amazônica é um labirinto de fauna e flora exótica, um mundo dos animais, não humanos. Fomos obrigados a reconhecer perigos pelo olfato e a fazer pazes com animais, tudo isso em um estado de alto estresse contínuo. A comitiva e os guias foram aos poucos saindo de um em um, equipamentos não-tripulados deixados para trás e veículos utilitários abandonados. O Jeep dirigido por Yanjun Zhang virou a nossa casa. GPS parou de funcionar, rádio de onda-curta deixou de receber mais sinal, combustível durava no máximo mais 10 dias. O que importa agora não são mais fotos, e sim a sobrevivência. Dirigindo em um ambiente cujo terreno era moldado por plantas flutuantes, a mudança era regra. Não tinha estradas para seguir, nem um norte para guiar. Quando sob ameaça iminente, Zhang apertava a câmera quase que por instinto. Para evitar emboscadas, o veículo não podia parar. Ao anoitecer, a neblina recorrente era iluminada pelos faróis, criando um clarão em frente ao veículo. Yanjun diz num tom de calma artificial: estamos dirigindo às cegas. O carro foi parado em um campo relativamente aberto e, depois de certificar que as câmeras e o central de registro estavam em funcionamento, Yanjun desceu do veículo para espalhar um círculo de enxofre ao redor, e foi em busca de água e comida com seu facão. Na volta, estava acompanhado de um indígena. Yanjun explica que sofreu um ataque, e foi esse indivíduo que o salvou. Fomos levados para uma tribo indígena. São muito amigáveis. Aprendemos muitas habilidades úteis, como fazer tochas a base de óleo animal, espantar animais por meio chacoalhamento das árvores, produção de repelente natural, sinalizar neutralidade com animais, entre outros. Encontramos uma planta específica que, através de métodos artesanais, era capaz de produzir combustível. Os nativos ajudaram-nos a montar uma antena,

colocando o rádio em funcionamento. Recebemos sinais do mundo afora.

VII. Território próprio

De volta a São Paulo, semelhantes andavam por todo canto. Sentimos que era, finalmente, nosso território. Toda precaução que tínhamos com os chineses também foi desaparecendo. Antes, vivíamos em hotéis. Mas, agora que somos uma família de quatro integrantes, viver em hotéis tornou-se imprático. Mesmo sabendo dos perigos submersos, ainda sim alugamos uma casa de um chinês, seguindo as "regras". O locador é de Shandong, e o imóvel era uma casa de dois andares com garagem subterrânea. No andar de baixo, eram duas salas, e no de cima, três quartos e uma oficina. Atrás era um pequeno quintal, seguido por uma segunda estrutura de dois andares, tendo no primeiro andar uma cozinha, e no segundo a lavanderia. Ao anoitecer de um certo dia, ao voltarmos de uma filmagem, deparamos a casa de portas abertas. Correu para fora duas pessoas, sinalizando com pistolas para Yanjun descer do carro. O veículo foi levado junto com todo equipamento e passaportes deixados nele. Poucos dias depois, fizemos a mudança para um apartamento na Avenida Paulista. O dono do imóvel, dessa vez, foi um brasileiro. Possuía um espaço de jardim, seguranças e porteiros, câmeras de vigilância 24 horas e sem ponto cego. Descobrimos que no edifício, também, moravam chineses. Já em outro dia, ao chegarmos em casa, tudo estava impossivelmente bagunçado. Os discos rígidos dos computadores e de armazenamento sumiram, todas as maletas protegidas por senha foram abertas à força, e todos os documentos importantes desapareceram. Não foram levados uma nota de dinheiro sequer. Na mesma noite fizemos a mudança para uma flat. Não demorou muito para o carro, de novo, sumir. As câmeras de segurança mostraram que o ladrão era um funcionário do flat. Mas por mais inacreditável que fosse, não se tinha registros nem informações desse funcionário. Roubos e assaltos consecutivos, arquivos e registros conseguidos a riscos de vida foram, aos poucos, sendo perdidos. Quando visitamos o Padre Yanzhao He, logo de cara Yanjun desesperadamente perguntou: o Deus brasileiro protege chineses como nós? Desnorteadado, o Padre respondeu que sim. O caminho de volta foi mergulhado em um silêncio inquietante. A noite, Yanjun disse: Vamos voltar para China.

VIII. Tratados como indígenas

Fomos para Cananéia, Blumenau e Pantanal novamente para fotografar. Yanjun Zhang queria usar essas imagens de refilmagem para justificar a nossa experiência no Brasil. A nossa história atçou os interesses da China. Em 2010, o Ministério da Cultura da China planejou um projeto para realizar uma exposição das nossas filmagens na China. O assistente de filmagem do Yanjun Zhang e piloto de helicóptero Flávio e sua esposa também foram convidados à China para participar dessa exposição. Mas o que a mídia mais se importava era aquilo que, na visão deles, caracterizava uma indistinguibilidade entre nós e os indígenas nativos do Brasil, chegando a questionar detalhes a respeito. Meu filho perguntou: "nós somos os indígenas que eles falam?" E eu respondi: "não". Um dia, Yanjun Zhang falou: "Vamos voltar ao Brasil..."

结局

今天，~~儿子和女儿都已经上学了。儿子考大学了，他选择了数学专业。女儿正准备高考，她想报考生物专业。~~我开始专注美食，尝试制作各种新食物。每逢节假日，张彦君去基督教堂做义工，他没有受洗。

Desfecho

Hoje, o filho está em período pós-vestibular. Escolheu o curso de matemática. A filha está se preparando para o vestibular e quer fazer curso de biologia. Interessei-me pela gastronomia, tentando uma variedade de

inovações. Yanjun Zhang faz trabalho voluntário em uma igreja católica todo feriado. Ele não foi batizado.